

Ilustrações
ELOAR GUAZZELLI



FABRÍCIO CARPINEJAR
um parafuso a mais

edelbra

edelbra

um parafuso a mais

2ª edição

1ª edição: 2014

Ilustrações: Eloar Guazzelli

Projeto gráfico: Laura Guidali Amaral

Padrões: Laura Guidali Amaral e Rodrigo F. Silveira

Paratexto: Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi

Revisão: Mônica Ballejo Canto

C298u Carpinejar, Fabrício, 1972-

Um parafuso a mais / Fabrício Carpinejar ; ilustrações
Eloar Guazzelli. – 2.ed. – Porto Alegre: Edelbra, 2021.
104 p : il. ; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-5750-026-2

1. Literatura brasileira – crônicas. I. Guazzelli, Eloar,
il. II. Título.

CDU 821.134.3(81)-94

Catálogo na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

2021

Edelbra

www.edelbra.com.br

Central de Atendimento:

51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida
ou copiada, por qualquer meio,
sem a permissão por escrito da editora.



FABRÍCIO CARPINEJAR

um parafuso a mais

Ilustrações ELOAR GUAZZELLI

edelbra

edelbra

edelbra

*Esta é a minha biografia.
Se eu inventei, é porque
não consegui suportar a
realidade.*



edelbra

Sumário

Apresentação	8
Avise-me do começo	13
Nossa Senhora dos Navegantes	17
O amor é uma técnica	19
Cisne e Gina	21
Tempero	25
Onde ninguém nos encontra	29
Quando comecei a andar	31
Os sapos	35
1,2,3 e já!	37
Segredos e sussurros	41
Sono de criança	45
Um minuto	49
Um parafuso a mais	53
Mistério	57
O que ele me dizia ontem	63
O frio em mim	67
Fora dos trilhos	71
Sufrimento não é charme	75
Minha mãe era servente	79
Catequista	83
Sou um aspirador de pó	87
Saiba mais sobre este livro	90

Apresentação

Neste *Um parafuso a mais*, Fabrício Carpinejar oferece a seu leitor uma declarada autobiografia, preciosos recortes de uma infância e de uma adolescência cheias de peripécias e muita – muita mesmo – poesia.

Sempre encantado com o mundo, com o olho treinado para ver o que lá não está, Fabrício nos relata, aos poucos e sempre, cenas do crescimento de um menino observador, inquieto e sensível. Aqui dentro estão os adoráveis primeiros passos, a morte do avô, a paixão pela professora, as plantas da avó, a folia com os irmãos, as esquisitices dos colegas, a cumplicidade sem a qual ser humano algum cresce. Aos poucos, a gente entende como se construiu essa vida, mosaico que vai se revelando à medida que se avança nessas duas dezenas de textos e, assim, se cola cada pequeno pedacinho do todo.

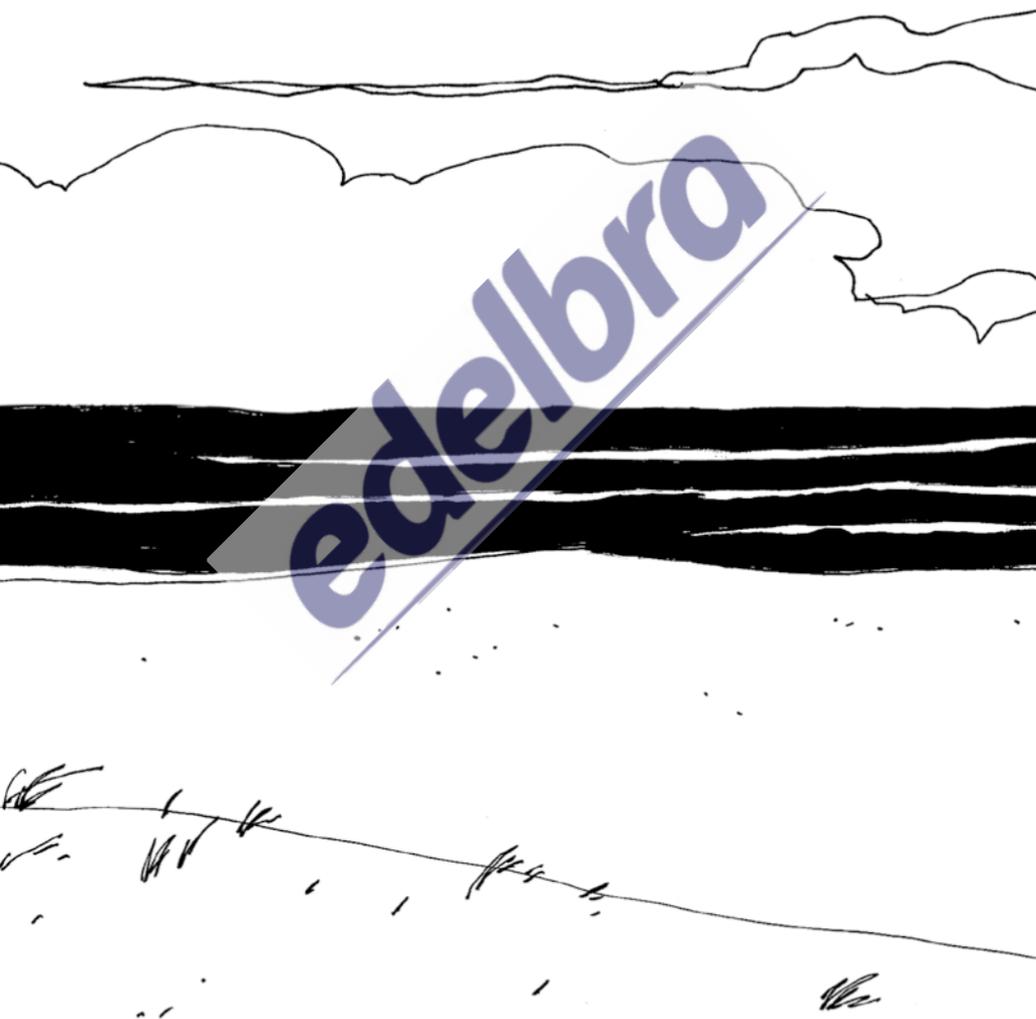
Poeta nato, cronista de mão cheia, Fabrício tem uma vivência e uma percepção de infância muito singulares – é como se ele crescesse na cronologia, mas não no sentimento. Tudo para ele é simples, como as coisas são simples para as crianças. Mas também tudo

vira material para a vida adulta, e tudo o que era apenas simples adquire um valor transcendental e precioso.

Apostando no humor e na graça, exímio contador de histórias, Fabrício, enquanto escreve, volta a se divertir e a brincar, exatamente como fazia em criança. Ao ler este *Um parafuso a mais*, o leitor vai partilhar da intimidade do nosso Carpinejar e entender bem direitinho como nasce o espanto que faz alguém virar poeta. E como se perpetua no tempo esse mesmo espanto, que vira descoberta, que vira tesouro, que vira alegria. Que vira poesia.

CINTIA MOSCOVICH

edelebro



edelbra



edelbra

Avise-me do começo

Minha avó pedia para avisar quando o filme começava. Confundia o filme com o próprio trailer, não tinha costume de ir ao cinema. Jurava que os resumos de outros títulos já correspondiam à história que iria assistir. Respirava aliviada quando os créditos e o cutucão apareciam; daí colocava os óculos e mergulhava na hipnose das mãos na cadeira.

Eu me porto assim diante do amor. Preciso do cotovelo no meu braço dos amigos quando ele começa, apesar de ser o protagonista. Não que eu não saiba, terei que confessar: não sei mesmo, amor não se sabe, amor se presente. É uma indefinição contente e, ao mesmo tempo, assustadora. Acontece um descuido ao segurar a cintura dela, algum feitiço no olor do pescoço, um pressentimento longo e duradouro na correnteza dos cabelos, uma pressa em se despedir que é desejo de permanecer mais um pouco. O que era passageiro, o que era para ser mais um esquecimento, o que era para ser mais uma noite para dormir transforma-se

em obsessão de acordar, cuidar e voltar, em obsessão de estar presente e arrumar todos os motivos e subterfúgios para não pensar em outra coisa.

Aperta uma vontade de conversar sobre a história com todo mundo que se encontra, com o carteiro, com o bancário, com o jornaleiro, com os passageiros do trem. Buscar conselhos até na embalagem do chocolate. Falar do amor para que ele aumente ou para que diminua. Para que ele suma ou nos dê confiança de tomar atitudes improváveis e delicadas. Vamos atrás de um fiador. Só que o amor não aceita caução.

É uma encruzilhada colocar a casa para fora da boca. Abrir-se. Expor-se de tal modo que não se pode retornar ao que julgávamos nossa vida, ao que acreditávamos nosso lar, ao que confiávamos como nossas convicções e nossa ordem. Como confessar uma paixão e depois fingir que isso não mexeu com a gente e retomar o trabalho e a disciplina dos dias como se fosse comum?

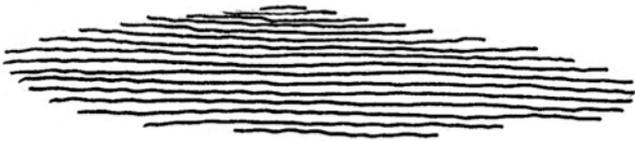
Antes impessoal, o amor se agarra a um nome e não mais nos pertence. É irrecuperável porque depende de um sim ou de um não. Quando dito, irá embora sem acenar. Não descobriremos que estamos doentes, descobriremos que não temos cura. Amor não nos fortalece, enfraquece. Ficamos indigentes à espera de

um beijo, de um telefonema, de uma mensagem. O amor muda o nosso passado.

Sofreremos com a incerteza do que a pessoa dirá ou fará. Usam-se palavras falhadas para não ser direto. Encontram-se motivos alheios à verdade para não se entregar. O amor não seria tão sério se não houvesse a possibilidade dele se converter em uma comédia. Mas a comédia não é levar um fora, comédia é a covardia de não se declarar e antecipar sozinho os risos que seriam bem melhores acompanhado.

Minha avó é que conhecia cinema. O filme começa bem antes do filme.

edelebra



Nossa Senhora dos Navegantes

Santa era a professora primária. Não se chegava na sala de aula da escola pública sem ter alguma lembrança para dar.

Uma rosa, um bolo inglês, um sonho, uma maçã.

Não era dízimo ou chantagem, mas respeito e carinho. Professora vinha a ser mais importante do que a diretora da escola.

Os alunos disputavam a atenção do melhor presente. Secundária à concorrência por notas.

A mesa dela ficava abarrotada de ofertas, como uma padroeira, uma Nossa Senhora dos Navegantes. Faltavam apenas as velas.

Receber um beijo de batom na bochecha significa alta distinção, como estrelinhas de sua caneta vermelha. As mães preparavam a merenda e separavam um adereço especial para a “tia”. Podia ser um cartão ou um poema. Se o olhar materno esquecia, eu cobrava. Se não tinha nada para dar, esticava o caminho pelo bairro para furtar flores.

Meus primeiros delitos sempre foram por amor. Consegui o feito de roubar a rosa da própria casa da professora para entregar a ela. Eu iria saber onde morava? Ela me perguntou a origem da beleza e eu ri, para despistar a verdade. Depois disso, entrei no ramo dos alimentos, para não correr riscos. Afinal, os jardins de Petrópolis não teriam brotos para me sustentar até o final do ano. Doce e generosa estação, onde os professores acabavam como confidentes.

Não sei se esses presentes espontâneos ainda persistem, acredito que não. É uma pena e uma afronta perceber o ensino do professor como uma obrigação. Ele não está na sala porque não encontrou um outro lugar ou como estágio de início de carreira. Comparece como escolha e vocação. Forma o caráter público do estudante (coisa que é bem mais complicada do que ensinar). Já não é valorizado pelo salário, que seja pela confiança pontual e dedicada de seus alunos.

A manhã ruiva de minha infância foi dividida em cinco períodos. O sino do recreio não superava o "bom-dia" da professora. A mordida da fruta ou do sanduíche não superava a fome pelo dia seguinte que recebia dela. Nem o jogo de futebol me fazia tão pleno.

Na mesa da professora, a lista de chamada, o apagador e a minha mão segurando firme a sua, que nunca quebrará como o giz no quadro-negro.

O amor é uma térmica

O amor é uma térmica. Não entendo de onde partiu essa comparação, mas ela me contentou prontamente. Cheguei a suspirar depois de escrevê-la.

O amor é uma térmica. Desde o jardim de infância, a térmica é quase como meu boneco, meu vizinho, meu confidente. Minha primeira térmica era branca, centrada na merendeira, e conduzia o leite achocolatado. Abrir sua tampa no recreio produzia o melhor som da escola. Melhor do que a sineta. Ela gritava no terceiro giro e lavava meu rosto com seus vapores.

Para quem tinha asma, o jato não deixava de ser uma nebulização. A térmica resumia o ponto alto do lanche. Um cofre que dependia do conhecimento antecipado do seu dono, de mãos que precisavam antever as voltas para não sofrer queimaduras. Uma valise de criança, uma outra boca miúda. Significava meu documento de menino, pessoal como o uniforme com meu nome bordado.

Uma térmica é como o amor, aquece o que ficou guardado, não deixa esmorecer a espuma, aviva o

gosto do que passou. Seus movimentos de abrir revelam temperamentos. O preguiçoso tentará esvaziar o líquido com uma desenroscada, e terá que repetir. O esperançoso vai testar uma ou duas vezes antes de encontrar o fluxo ideal. O rançoso molhará toda a mesa.

Uma térmica é como o amor, feita para distribuir porções generosas ao dia. Não traz a ração de uma xícara, mas a bandeja inteira. Além de tudo, é fiel como o mel no pão. Fica impregnada do cheiro por dentro.

Na mesma semana, não recebe café, água quente e leite. É um ou outro, escolhe, cuidadosa, o seu par, casa por toda a vida com seu conteúdo. A térmica dança coladinha ao corpo do líquido. Dança levantando o pescoço.

A térmica é como o amor. Assobia na hora de falar, beija aos goles. Tinge a língua com guache. Escolta nossa sede e gula até o fim sem esmolar moedas. Pode ser até pior do que um café expresso, mas acumula doçura e presságios. Acumula a infância.

Não desejo ser cremado. Guarde-me na térmica. Guarde meu amor na térmica.

Cisne e Gina

Procurei rever de onde alimento tanta adoração pelo casamento. Abrir a carne e encontrar a fratura sentimental. Reerguer a roldana do poço e espiar o fundo do balde.

Há um romantismo ingênuo que tenho que sufocar para não ficar doentio (perfume caro torna-se barato se usado em excesso).

Prendo minha mão para não desenhar corações nas planilhas do Excel. Distancio-me da tevê quando é transmitido Miss Universo. Não posso passar rapidamente por reprise de filmes, como Love Story. Se alguém chora ao meu lado, empresto os olhos mais do que o lenço.

Sou um completo imbecil. Partidário de que água tem cheiro e sabor. Quanto mais simples, mais verdadeiro.

Não serei inteligente no meu tempo cético e pessimista, em que casar é comprar um pacote turístico com direito a hotel, transporte, guia e crachá. E a separação é simplesmente voltar da viagem e desfazer as malas.

Surjo inexperiente diante do alerta ácido dos meus amigos. Casar sempre foi para mim pagar prestações da residência até envelhecer. O que se pode pagar à vista não tem graça.

De onde, afinal, veio esse distúrbio?

Distúrbio, claro, eu me vejo como um doente, minha carência é maior do que a satisfação. Nunca joguei para longe um besouro de minha gola. Com aquela soberba de escova e um horror implícito de caspa. Deduzindo que ele me incomodava (pelo contrário, pensava que o incomodava).

Botava delicadamente o bichinho de volta ao muro com a ponta das unhas. Deseja algo mais frágil? Assistindo ao espetáculo, meus tios me chamavam de maricona.

Mas não fui um guri de hábitos esquisitos. Não me animava a parar por mais de alguns minutos numa vitrine de noivas. Não vesti roupa da irmã. Não brincava de boneca, muito menos andava de carrinho com bebês no pátio. Não contei com nenhum desvio dos padrões de menino. Suava, raspava o couro, vivia sujo, cuspiu, mijava em paredes no apuro do corpo.

Neste domingo, numa mesa rústica de restaurante, distraído ao mudar obsessivamente de lugar a gôndola

do vinagre, azeite e sal, decifrei a origem de meu fanatismo. Lembrei, lembrei, lembrei.

Enquanto meus irmãos devoravam seus pratos e ciscavam as panelas, para não perder o apetite com outras tarefas, eu encenava uma peça com a cortina do guardanapo. Desligado da pressa da comida.

Casava o bonequinho do Sal Cisne e a Gina do palito de dentes. Ia ao restaurante somente para prosseguir a fantasia. Era meu par perfeito. Ambos com um riso bobão de apaixonados. Ele, gordinho e baixinho; ela, alta e loira.

Cisne retirava o boné azul com a aproximação de Gina. Diálogos feitos de um receio educado. Gina não podia permanecer muito tempo na praça da salada porque seus pais logo voltariam da missa. Os dois sentavam nas curvas do garfo, balançando os pés do vento. E, principalmente, olhando para frente.

Eu confio, ainda confio que amar é quando o casal olha para frente. Despistando o nervosismo de suas mãos enlaçadas.



Tempero

Não me recordo precisamente de minha infância até os cinco anos. Não por algum trauma. Esquecer é próprio da alegria, de quem sorveu a lembrança até o fim.

Meus irmãos brincaram comigo, brigaram comigo. Fui meus irmãos quando estava enjoado de mim. Sem Carla, Rodrigo e Miguel, seria bem menos Fabrício. Eles não me deixavam em paz.

Eles me provocaram a nascer. Nasci de uma provocação de um deles, talvez todos ao mesmo tempo. O beliche me permitiu tocar o céu já prematuro. Não tive medo de dormir no escuro, os meus irmãos conversavam comigo sem parar. O alvoroço deles foi meu abajur.

A casa de meus avós em Guaporé, cidade a 200 km de Porto Alegre, onde vivi as primeiras férias, é o centro de minha imaginação. O interior é o centro da minha imaginação. As estrelas sofriam de catapora: multiplicavam-se. Baixas, tão acessíveis, tão concretas, poderiam ser apanhadas como um chapéu no cabide. A morada ficava colada à calçada. Como o rio Taquari que ladeava as pedras. Os vidros do lado de

“Os tios, os parentes longínquos e os conhecidos reclamavam que tinha um parafuso a menos, de tanto cair e me espatifar nas escadas. Na verdade, tinha botas ortopédicas pesadas, que me apressavam os tombos. Um bom ortopedista e seria salvo.

Sem cura a curto prazo, Rodrigo analisava minha cabeça para verificar se encontrava o parafuso que faltava. (...)”

